
Capitalismo contemporâneo e trabalho produtivo

Reinaldo A. Carcanholo¹

Resumo: Este trabalho apresenta resumidamente uma interpretação sobre o capitalismo contemporâneo e mostra a relevância do conceito de trabalho produtivo para seu funcionamento. Esse conceito marxista é discutido do ponto de vista do ato individual e isolado (aparência) versus o da totalidade e reprodução (essência). Entre outras conclusões substitui-se a assertiva “trabalho produtivo é aquele que produz mais-valia” por outra: “é produtivo o trabalho que produz lucro para o capital”.

Palavras-chave: capitalismo; trabalho produtivo; teoria marxista.

Contemporary Capitalism and Productive labor

Abstract: *This article briefly presents an interpretation about the contemporary capitalism and shows de relevance of the productive labor concept for the operation of the system. This Marxist concept is discussed presenting the individual and isolated act perspective (appearance) versus the entire perspective of reproduction of the system (essence). Therefore, in other conclusion, replaces the assertive “productive labor is the one that produces plus-value” by the other: “it is productive the labor that produces profit to the capital”.*

Keywords: *capitalism; productive labor; marxist theory.*

JEL: P16, B51

¹ Professor do Dep. de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da UFES, Tutor do Grupor Pet-Economia/UFES-SESU-MEC. E-mail: carcanholo@gmail.com

Ser trabalhador produtivo não é nenhuma felicidade, mas azar.

K. Marx

Introdução

Nosso objetivo neste texto é mostrar como a categoria marxista de trabalho produtivo é extremamente relevante para entender o capitalismo contemporâneo. Sem ela a explicação da atual fase especulativa e parasitária dessa sociedade torna-se insuficiente.

Pretendemos aqui, mais do que esclarecer a perspectiva de Marx sobre esse tema², expressa em diferentes textos seus, avançar (dentro do possível) na precisão do conceito, de maneira coerente com a nossa particular interpretação da teoria marxista do valor e sem, de modo algum, violentar a perspectiva geral de Marx sobre o assunto.³

Na primeira parte apresentaremos de maneira resumida nossa interpretação sobre a atual fase especulativa do capitalismo, de maneira a mostrar quão importante é o conceito de trabalho produtivo nos dias de hoje. Na segunda parte, inicialmente, apresentaremos o mencionado conceito mais ou menos acompanhando a Marx e, posteriormente, procuraremos avançar a análise para uma perspectiva que tem como fundamento a visão de totalidade do sistema, sem abandonar a coerência com a teoria marxista do valor. Nossa conclusão geral é de que o trabalho produtivo é próprio de uma quantidade muito maior de atividades do que a que normalmente é considerada; muito do que em geral se considera trabalho improdutivo será apresentado por nós como seu oposto e procuraremos esclarecer as razões disso.

1. O capitalismo especulativo e parasitário

Vários autores concordam que o capitalismo, dos anos 70 para cá, vive uma nova fase, muito diferente da anterior. Chamamos essa nova fase de *capitalismo especulativo*.

Há certa concordância entre muitos no sentido de que uma das características básicas dessa fase, ao lado de outras importantes, é a financeirização, isto é, certa predominância das finanças em comparação com as atividades realmente substantivas⁴ do capital. É o caso de

² Que é o objetivo explícito do reconhecido texto de Rubin, 1980.

³ O objetivo do texto de Barán, por exemplo, é muito diferente do nosso (Cf. Baran 1984).

⁴ São aquelas próprias do que Marx chama de *capital industrial*, no livro II d'O Capital.

François Chesnais, Gerard Duménil, entre muitos outros. Inclusive alguns autores para analisar essa fase passaram a se utilizar, com um grau maior ou menor de profundidade teórica, do conceito marxista de capital fictício.

A dificuldade na utilização teoricamente adequada desse conceito está no fato de que ele pressupõe um satisfatório conhecimento e, na presença disso, de uma adequada interpretação da teoria do valor de Marx. Sem eles, perde significação e capacidade de explicar corretamente a realidade. Se entendido de maneira satisfatória, a compreensão é de que o capital fictício exige remuneração e não contribui em nada para a produção de excedente econômico, de mais-valia. E a pergunta que fica é a seguinte: quem produz essa mais-valia em volume suficiente para atender as exigências do capital, inclusive do capital fictício? Tal pergunta ganha ainda mais relevância se considerarmos que o que se conhece como reestruturação produtiva no capitalismo contemporâneo teria reduzido o papel do trabalho na produção, pelo menos no que se refere ao trabalho formal e aquele relacionado diretamente com as atividades produtivas industriais. Com isso, chega-se inclusive a negar o papel do trabalho como central na produção da riqueza, o que, obviamente, do ponto de vista da teoria marxista do valor é fora de propósito.⁵

Dessa maneira, levando em consideração uma adequada interpretação da referida teoria, a característica básica da fase atual do capitalismo, em nossa opinião, é a contradição, que se aprofunda cada vez mais, entre a produção e a apropriação do excedente econômico mercantil, da mais-valia nas suas diferentes formas. É por isso que o conceito de trabalho produtivo (entendido como aquele que produz mais-valia ou excedente na forma mercantil e apropriável pelo capital) ganha relevância nos dias atuais.

É verdade que alguns autores, apesar de considerarem a financeirização como característica básica da fase capitalista atual, identificam como sua contradição principal a que existiria entre a propriedade e a gestão do capital; entre aquelas frações da sociedade detentoras de diversas formas de títulos de propriedade sobre o capital substantivo⁶ e outra, que seria a encarregada da gestão profissional das empresas. É o caso específico de Duménil e Lévy. A parte do fato de que a identificação de interesses contraditórios entre essas frações proprietárias e gerenciais do capital, como contradição principal do sistema, leva à possibilidade de perspectivas de saídas reformistas para as dificuldades do capitalis-

5 O fato de que a quantidade de trabalho socialmente necessário para produzir *uma unidade* dos valores de uso tenda, no capitalismo, sempre a diminuir não deve levar a engano.

6 Entendemos por capital substantivo o conjunto formado pelo capital produtivo e pelo comercial.

mo atual, ela é resultado de desconhecimento ou desprezo pela teoria marxista do valor.

Resumindo nossa interpretação sobre a fase do capitalismo especulativo, apresentada em outros trabalhos, podemos dizer que a tendência à queda da taxa de lucro apresentou uma aguda manifestação nos anos 70 e até o começo dos 80, em particular nos Estados Unidos e na Europa. As novas inversões substantivas apresentavam perspectiva de reduzida remuneração e os capitais, em parte considerável, por isso, procuram como saída a especulação. Essa tendência foi sancionada pelas políticas neoliberais (expressão dos interesses do capital especulativo) e teve como contraparte indispensável a instabilidade cambial e a dívida pública dos Estados (tanto os do primeiro mundo, quanto os periféricos). O capital acreditou ter encontrado seu paraíso: rentabilidade sem necessidade de “sujar as mãos com a produção”. E isso de fato aconteceu; lamentavelmente, para ele, por pouco tempo.

É verdade que as remunerações do capital, a partir do início dos anos 80, tenderam a crescer. E então, como isso foi possível? Se por um lado, o ritmo da acumulação de capital substantivo se reduziu e se, ao mesmo tempo, ampliou-se assustadoramente a taxa de crescimento da massa de capital fictício, especulativo e parasitário, no mercado mundial, como foi possível o crescimento das taxas de remuneração dos capitais, tanto as dos capitais substantivos quanto a dos parasitários?

A explicação disso, para ser coerente com a teoria marxista do valor, só pode ser encontrada no aumento da exploração do trabalho. E aqui devemos nos preocupar especificamente com a exploração do trabalho produtivo. É verdade que, seguindo Marx, também podemos falar de exploração do trabalho não produtivo. Apesar de que o aumento desta última exploração não permite elevar o excedente ou mais-valia produzidos, ao reduzir-se a parcela relativa apropriada pelos trabalhadores improdutivos, amplia-se a margem destinada à remuneração do capital.

Assim, para nós, a explicação estaria na elevação, em níveis sem precedentes, da exploração do trabalho, seja por meio da mais-valia relativa, da mais-valia absoluta (extensão da jornada, múltiplas jornadas, intensificação do trabalho), seja da superexploração dos trabalhadores, além da exploração dos trabalhadores não assalariados.

É verdade que isso, embora indispensável para o sistema, não seria suficiente para explicar o mencionado crescimento da taxa de remuneração do capital a partir do início dos anos 80. Nossa explicação para isso é que, ao mesmo tempo que se ampliou exageradamente a exploração do trabalho, expandiu-se o que em outro trabalho chamamos *lucros fictícios*. O problema consiste em que, embora os lucros fictícios resol-

vam circunstancialmente a dificuldade, só o faz ampliando a contradição principal (produção/apropriação), ao significar ulterior crescimento do capital especulativo.

Finalmente, nossa conclusão é de que, embora essa fase especulativa possa sobreviver por mais um tempo, ela tenderá a desaparecer. Só poderá sobreviver com adicional incremento da exploração do trabalho. Uma eventual substituição dessa fase especulativa por uma nova, reconstruindo-se a predominância do capital substantivo, pressuporá níveis insuspeitáveis de exploração. Assim, não há possibilidade de um retorno a um capitalismo menos violento do que aquele que sofremos hoje. O futuro do capitalismo só agravará a tragédia humana que se vive hoje no mundo. Sustentar o contrário é viver no mundo das ilusões.

Tendo em vista essa nossa interpretação, a discussão sobre trabalho produtivo é indispensável e nossa conclusão é de que, nos dias de hoje, esse conceito é muito mais amplo do que em geral se imagina e do que uma leitura superficial de Marx poderia sugerir,

2. O conceito de trabalho produtivo em Marx

Marx trata do conceito de trabalho produtivo em vários lugares de sua obra. Observado o conjunto dessas referências esparsas e dos textos que apresentam um tratamento um pouco mais amplo sobre o tema, o que se destaca é a existência de uma continuidade total na perspectiva do autor sobre o conceito de trabalho produtivo/improdutivo. Não se encontram contradições nem incoerências que sejam significativas.⁷

A mencionada continuidade, coerência e não surgimento de contradições relevantes não significa que inexistam certas passagens obscuras que possam levar a confusões. Elas existem, mas em pequeno número. O que surpreende não é a existência delas, mas seu número tão reduzido em textos que, em sua grande maioria, não foram escritos diretamente para publicação e que, em certos casos, foram redigidos de maneira apressada e fora do contexto de uma discussão mais atenciosa sobre o assunto.

O texto marxista mais amplo e melhor estruturado sobre o tema é, sem dúvida, o que aparece nas Teorias da Mais-Valia (os “*Aditamentos*”), seguido pelo apresentado no Capítulo Sexto – Inédito. É por isso e pelo

⁷ Essa não é a opinião de Mandel (1985: 121). Em vários aspectos sobre o trabalho produtivo/improdutivo divergimos da posição desse autor.

fato que permite entender alguns aspectos metodológicos presentes na análise de Marx que aquele foi o mais relevante no nosso estudo.⁸

Façamos, neste instante, um pequeno resumo do que é considerada *em geral* como a posição de Marx sobre o conceito de trabalho produtivo.

Para ele, para ser produtivo, o trabalho precisa produzir mais-valia. Isso significa que tem de ser assalariado pelo capital, especificamente pelo capital produtivo. Devemos incluir também aquele trabalho realizado pelos trabalhadores que fazem parte do “trabalhador coletivo” e que não se dedicam diretamente à transformação da matéria prima.

Excluindo-se a opinião de um ou outro autor⁹, que em geral é considerada um equívoco, a produção de mais-valia para Marx ocorre tanto na produção de mercadorias “materiais”, quanto na de serviços produtivos (mercadorias-serviço). A diferença entre elas está no fato de que a mercadoria-serviço tem seu consumo simultâneo com a produção.

O trabalho produtivo para Marx também ocorre em atividades produtivas que se estendem na circulação, como é o caso do transporte, expedição, armazenagem, embalagem, conservação etc., exceto no caso daquelas atividades desse tipo que derivam exclusivamente das ações especulativas do capital. Obviamente que não é trabalho produtivo aquele relacionado ao capital comercial (tanto o capital de comércio de dinheiro, como o capital comércio de mercadorias, na linguagem de Marx). No entanto, é indispensável distinguir o que rigorosamente significa atividades comerciais no sentido estrito, realizadas por uma empresa considerada comercial, das inúmeras atividades produtivas que normalmente realiza e que estão associadas ao comércio. Entre elas estão as já mencionadas: transporte, armazenagem, embalagem, conservação. Um caso exemplar seria a de uma pequena empresa capitalista comercial, localizada em um bairro qualquer de uma cidade. Poderíamos atrever a dizer que a atividade estritamente comercial não é a mais importante realizada por tal tipo de empresa; muito mais que a comercial, as mencionadas atividades produtivas que *se estendem na circulação* normalmente tendem a ser as que mais trabalho exigem e, podemos categoricamente afirmar que os trabalhadores, enquanto dedicados a essas atividades, exercem trabalho produtivo. Outro exemplo significativo é o caso de um supermercado: ao lado das atividades estritamente comerciais e das mencionadas atividades produtivas *que se estendem na circulação*, ocorrem as que se poderia chamar de rigorosamente produtivas, como são, por exemplo, as ligadas à padaria, açougue, peixaria, fabricação de comida congelada.

8 Esse também é o texto considerado prioritário para Gough (1978: 80).

9 Por exemplo, Mandel.

A nossa tese de que o conceito de trabalho produtivo em Marx deve ser considerado mais amplo do que normalmente se admite, inclui nossa particular visão sobre as atividades de contabilidade, supervisão e gerência. Consideramos que uma leitura mais atenta de Marx permite concluir que essas atividades, na medida em que estejam ligadas diretamente a organização da produção, também devem ser consideradas como produtivas e o trabalho assalariado que as realiza é trabalho produtivo.

Há, em Marx, um aspecto sobre o conceito em discussão que consideramos ser pouco considerado, ou quando levado em consideração, pouco entendido entre nós, em razão da dificuldade de se compreender a dialética. Trata-se das dimensões forma e conteúdo do conceito.

2.1. Trabalho produtivo, conteúdo e forma

Iniciemos constatando um fato óbvio: há uma diferença substancial no tratamento que Marx dá ao conceito de trabalho produtivo nos dois lugares d'O Capital em que discute o assunto. No capítulo V do livro I, ele estuda o processo de produção capitalista do ponto de vista do *processo de trabalho*. Isso significa que o estuda no que ele possui de comum à produção em qualquer época histórica, independentemente das relações sociais existentes. Assim, analisa os elementos que compõem o *processo de trabalho*, ou seja, os meios de trabalho, o objeto de trabalho e a ação humana transformadora, independentemente das relações sociais existentes. Nessa análise, o trabalho produtivo aparece como sendo aquele que *diretamente* produz valores de uso. Mas, afirma categoricamente que caracterizá-lo dessa maneira não é suficiente para a etapa capitalista e nem mesmo para a mercantil (Marx 1980a:583):

No capítulo V, estudamos o processo de trabalho em abstrato, independentemente de suas formas históricas, como um processo entre o homem e a natureza. Dissemos: "Observando-se todo o processo do ponto de vista do resultado, do produto, evidencia-se que meio e objeto de trabalho são meios de produção, e o trabalho é trabalho produtivo". Na nota 7, acrescentamos: "Essa conceituação de trabalho produtivo, derivada apenas do processo de trabalho, não é de modo nenhum adequada ao processo de produção capitalista."

Essa tradução, tal como se apresenta nessa passagem, não é satisfatória em um aspecto.¹⁰ Uma coisa é não ser adequada, outra coisa totalmente

¹⁰ Agradeço a ajuda, nesse aspecto, de Claus Germer.

diferente é não ser suficiente ou não bastar, que é como aparece em outras traduções para o espanhol e português, que são mais felizes.¹¹ E a conceituação não é suficiente por corresponder a um só dos dois aspectos, a um só pólo contraditório do processo de produção capitalista, que é unidade de processo de trabalho (seu *conteúdo* material) e do processo de valorização (sua *forma* social e histórica). A caracterização do trabalho produtivo no capitalismo deriva, e não pode ser de outra maneira, ao mesmo tempo do *conteúdo* e da *forma* do processo capitalista de produção. São duas determinações contraditórias, mas necessárias para entendê-lo completa e adequadamente.¹²

Já vimos, então, o que é trabalho produtivo do ponto de vista do *conteúdo material*. Mas, como ele se caracteriza do ponto de vista da *forma*, do ponto de vista do *processo de valorização* capitalista? Isso fica explicado por Marx nos seus vários manuscritos e, em particular, no capítulo XIV do livro I d'O Capital. No mencionado capítulo, o autor vai afirmar que do ponto de vista da *forma*, o conceito se restringe e se amplia ao mesmo tempo.

Ela se restringe, por que agora, desse novo ponto de vista, *não basta* produzir valor de uso para que o trabalho possa considerar-se produtivo. Ele precisa produzir mais-valia. Em outras palavras, para ser produtivo o trabalho precisa ser trabalho assalariado. Mas não só isso: necessita trocar-se por capital e trocar-se por capital produtivo. Como este último aspecto (só por capital produtivo) só ficará explicitado por Marx, quando ele chega a tratar dos gastos de circulação, do capital comercial e do capital a juros, não nos interessa no momento.

Assim, para ser produtivo o trabalho precisa produzir valores de uso e, ao mesmo tempo, ser trocado por capital. Necessita, então, ser assalariado, mas ser assalariado do capital. Uma conclusão importante que podemos avançar, neste momento, é que, nas palavras de Marx, aqui, o conceito de trabalho produtivo se confunde com a de trabalho subsumido diretamente ao capital, seja pela subsunção formal ou real.

Uma dúvida que poderia ser apresentada, nesse aspecto, é a seguinte: por que a necessidade de duas categorias, ou duas diferentes expres-

11 Siglo XXI: "...de ningún modo es suficiente en el caso del proceso capitalista de producción" (Marx 1977: 219); FCE: "...no basta, ni mucho menos, para el proceso capitalista de producción". (Marx 1966: 133); Os Economistas: "... não basta, de modo algum, para o processo de produção capitalista" (Marx 1985: 151).

12 A discussão do trabalho produtivo do ponto de vista da forma e do conteúdo aparece também em Wim Dierckxsens, em vários de seus trabalhos (especialmente em 1998), mas desde outro ponto de vista (em uma análise muito concreta) e com uma perspectiva algo diferente em muitos aspectos. Por outro lado, a posição de Gough é contrária à nossa, ao considerar que, para Marx, o trabalho produtivo do ponto de vista do conteúdo não se relaciona com o capitalismo (Cf. Goug 1978:78 e 79), o que nos parece um erro derivado de ausência de uma perspectiva dialética, pelo menos nesse aspecto.

sões para a mesma questão (trabalho produtivo e trabalho subsumido diretamente ao capital)?

Em resumo, eis a explicação de por que, na sociedade capitalista, o conceito de trabalho produtivo se restringe: pois nem todo trabalho que produz valor de uso está subsumido diretamente ao capital, como seria o caso dos produtores familiares (camponeses ou artesãos), do trabalho doméstico e do trabalho em certos setores do serviço público (educação, saúde).

Agora vejamos em que sentido, no capitalismo, o trabalho produtivo se amplia. Para entendermos esse aspecto, que é simples, mas pouco considerado, basta compreender a categoria de trabalhador coletivo, já mencionada anteriormente. Para isso, utilizemos as palavras do próprio Marx (1980a:584):

O homem isolado não pode atuar sobre a natureza sem pôr em ação seus músculos sob controle do seu cérebro. ... o processo de trabalho conjuga o trabalho do cérebro e o das mãos. Mais tarde se separam e acabam por se tornar hostilmente contrários. O produto deixa de ser o resultado imediato da atividade do produtor individual para tornar-se produto social, comum, de um trabalhador coletivo, isto é, de uma combinação de trabalhadores, podendo ser direta ou indireta a participação de cada um deles na manipulação do objeto sobre o que incide o trabalho. A conceituação do trabalho produtivo e de seu executor, o trabalhador produtivo, amplia-se em virtude desse caráter cooperativo do processo de trabalho. Para trabalhar produtivamente não é mais necessário executar uma tarefa de manipulação do objeto de trabalho; basta ser órgão do trabalhador coletivo, exercendo qualquer uma das suas funções fracionaria.

Isso significa concretamente que, se antes, era necessário “botar a mão na massa” para ser trabalho produtivo ou, em outras palavras, tocar diretamente na matéria prima através dos meios de trabalho, agora, uma série de serviços realizados por trabalhadores assalariados deve ser considerada parte do que realiza o *trabalhador coletivo*. Entre outros desses serviços podemos citar, na construção civil, os trabalhos dos arquitetos, engenheiros, projetistas, calculistas, desenhistas, decoradores. Todos esses serviços são realizados por trabalhadores que fazem parte do *trabalhador coletivo*. E, como vimos pelas palavras de Marx analisadas até aqui, devem ser considerados trabalhadores produtivos quando assalariados pelo capital. Produzem valor, produzem mais-valia e, junto com os demais membros do trabalhador coletivo, produzem valores de uso.¹³

13 Na verdade, essa determinação do trabalho produtivo deriva, não diretamente da *forma*, mas do *conteúdo* do processo de produção capitalista. Deriva do conteúdo, mas de um conteúdo que dialeticamente foi alterado pela forma.

Assim, vimos que, para Marx e no capitalismo, o conceito de trabalho produtivo apresenta-se com duas caracterizações diferentes, correspondentes a duas dimensões que lhe são próprias; dois pólos constituintes da unidade dialética e contraditória em que se configura: o conteúdo material e a forma.

Qual das duas caracterizações é mais importante? As duas são importantes e, dar maior destaque a uma ou a outra, depende do ponto de vista a partir do qual se quer analisar a questão. No entanto, da mesma maneira que na dialética da mercadoria, na qual a forma vai predominando sobre o conteúdo cada vez mais na medida em que as relações mercantis se desenvolvem, aqui também predomina cada vez mais a *forma*, na proporção em que as relações salariais capitalistas vão avançando ou se estendendo. Assim, na nossa época, a extensão e o predomínio do capitalismo no nível mundial faz com que a determinação *forma* do conceito de trabalho produtivo predomine sobre o *conteúdo*. A compreensão adequada dessa questão pressupõe um entendimento das implicações do pensamento dialético que, à diferença do que ingenuamente pensava Böhm-Bawerk¹⁴ e outros tantos, não se trata simplesmente de um recurso retórico.

Por tanto, como na nossa época há o predomínio da *forma* na determinação do conceito de trabalho produtivo, nossa análise a seguir privilegiará esse determinante.¹⁵

3. Níveis de abstração / reprodução e totalidade

Pretendemos agora avançar na precisão do conceito de trabalho produtivo o que, em nossa opinião, pressupõe duas coisas. A primeira é não ficar restrito ao nível de abstração em que Marx trabalhou e a segunda, ultrapassar o ponto de vista do ato individual e isolado em que esse autor limita a sua análise.

Qual é o nível de abstração em que Marx trabalha quando discute o conceito de trabalho produtivo? Além disso, se o que queremos é uma análise mais concreta do capitalismo em que vivemos, que implicações têm esse nível de abstração no que se refere ao conceito? Em nossa opinião isso não tem sido normalmente considerado; tem sido negligenciado nas discussões sobre trabalho produtivo, e as conclusões de Marx, em geral, são transplantadas diretamente para a análise, mesmo quando ela se refere a um nível muito mais concreto do real. Vejamos isso um pouco mais de perto.

¹⁴ Böhm-Bawerk (1974).

¹⁵ Isso não significa que devemos esquecer totalmente a determinação pelo *conteúdo*.

Recordemos, em primeiro lugar, que, na análise de Marx, há uma identificação entre o conceito de trabalho produtivo e a categoria de subordinação ou subsunção direta (formal ou real) do trabalho ao capital. Em nenhum momento de sua análise ele dá atenção à possibilidade de que a subordinação ocorra através de formas intermediárias.¹⁶ Tampouco levanta a possibilidade de que as mercadorias em geral possam ser vendidas por preços distintos dos correspondentes aos valores, que é o que justamente permite a transferência de valor ou mais-valia de um lado para outro, de um setor produtivo para outro, de uma empresa para outra.

Já Rubin advertira para o fato de que, nos “*Aditamentos*”, Marx (1980d) se limita a analisar o capital produtivo¹⁷, deixando para depois as determinações derivadas da circulação.¹⁸

Todo o mencionado define o nível de abstração em que Marx trabalhou o conceito de trabalho produtivo. Mas, há muito mais do que isso. Ele só trata o assunto observando a relação capital individual/ trabalhador: é o ponto de vista do *ato individual e isolado*. E, desse ponto de vista, afirma terminantemente que, no capitalismo, trabalho produtivo só é aquele que produz mais-valia para o capital. Não se refere à produção de lucro para o capital e nem de excedente mercantil. Fala estritamente de mais-valia.

3.1. Camponeses e artesãos

Pensemos o assunto, agora, não do ponto de vista do *ato individual*, mas do ponto de vista da *totalidade* do capital e, ao mesmo tempo, consideremos a possibilidade, que corresponde ao real do dia-a-dia do capitalismo, de que os preços não correspondam aos valores, existindo, portanto, transferências de valor de um lado para outro. Limitemos, por agora, a considerar apenas os camponeses e os artesãos que não vendem suas mercadorias diretamente aos consumidores, mas ao capi-

16 Marx se refere às formas intermediárias de subsunção tanto no capítulo XIV do livro I d'O Capital (Marx 1980a), quanto no Capítulo VI – Inédito (Marx 1978), , mas não chega a relacioná-las com a questão do trabalho produtivo.

17 “... devemos lembrar que sempre que Marx falava de trabalho produtivo como trabalho empregado pelo capital, nas Teorias Sobre a Mais-Valia (Aditamentos, RC), tinha em mente apenas o capital produtivo”. (Rubin 1980: 286)

18 “Aqui nos limitamos apenas a tratar do capital produtivo, isto é, do capital empregado no processo de produção imediato. Mais tarde cuidaremos do capital no processo de circulação”. (Marx 1980d: Aditamentos, 406). Essa passagem aparece no último parágrafo dos “Aditamentos”. A tarefa proposta por Marx será cumprida posteriormente no capítulo VI do livro II d'O Capital (Marx 1980b) e no livro III (Marx 1980c), em vários capítulos, especialmente no XVII e também no XXIII.

tal comercial, que funciona como intermediário, de maneira a existir uma forma de subsunção intermediária.¹⁹

Nessas condições, nossa conclusão será diferente da de Marx, mas diferente por que situada em um nível distinto de abstração. Marx, para ser coerente com o nível de abstração em que trabalha, e nesse caso sua coerência é total e absoluta, não vai afirmar que o trabalho do camponês ou artesão seja improdutivo: afirma que não se trata nem de trabalho produtivo, nem improdutivo (Cf. Marx 1980d: *Aditamentos*, 401).

Esses produtores “independentes” produzem valor, produzem excedente econômico na forma de valor, caso sua produtividade não seja extremamente baixa (o que é o esperado na realidade) e normalmente esse excedente-valor é apropriado pelo menos em grande parte pelo capital comercial. Tal excedente, embora não se constitua em mais-valia, será somado a ela para formar o montante total do lucro do capital global, depois de deduzidas as outras partes em que a mais-valia se divide. Assim, aqueles trabalhadores não produzem mais-valia, mas produzem valor-excedente que eleva os lucros do capital. Para o capital comercial, que se beneficia diretamente, são trabalhadores produtivos; para o capital global também seu trabalho é trabalho produtivo, pois aumenta o lucro global.

Assim, a mudança de nível de abstração na análise nos faria substituir a assertiva “trabalho produtivo é aquele que produz mais-valia” por outra: trabalho produtivo é aquele que produz excedente-valor para o capital.

Mas, além disso, se abandonarmos a perspectiva do ato individual e isolado e pensarmos a economia no seu processo contínuo de reprodução, ou seja, se a observarmos do ponto de vista da totalidade e da reprodução, outras modificações teremos de introduzir no que normalmente se considera trabalho produtivo/improdutivo do ponto de vista marxista.

3.2. Os serviços de educação e saúde e a reprodução da força de trabalho

Não há divergências²⁰ sobre o fato de que a educação e a saúde, quando prestadas diretamente por empresas privadas ao consumidor e quando elas operam com trabalhadores assalariados, constituem atividades capitalistas produtivas e seus trabalhadores são produtivos.

19 Exceto quando se apresenta o erro de considerar produtivo só o trabalho que se concretiza em mercadorias materiais.

20 Exceto quando se apresenta o erro de considerar produtivo só o trabalho que se concretiza em mercadorias materiais.

Essas atividades produzem serviços que, quando prestados a trabalhadores que serão trabalhadores produtivos (também para os demais) contribuem para a reprodução de suas forças de trabalho, ou mesmo, no caso da educação, transformam força de trabalho simples em potenciada ou complexa.²¹

Consideremos, em oposição a isso, o caso de professores e profissionais da saúde que trabalhem por conta própria e que, em princípio, para Marx, seriam improdutivos. Sem dúvida, eles produzem valor e caso não logrem vender seus serviços pelo valor produzido (coisa que tende a ser cada vez mais verdade no capitalismo atual), não só produzem excedente-valor como o transferem, pelo menos em parte, para seus clientes. E se esses trabalhadores forem produtivos, assalariados de capital produtivo? Poderíamos considerar que exploram aqueles profissionais por conta própria?

A resposta à pergunta formulada é obviamente negativa. É certo que o valor produzido por aqueles profissionais, incluindo o valor excedente, repõem o valor desgastado da força de trabalho ou o eleva. No momento em que tais trabalhadores, agora com o valor de sua força de trabalho reposto ou ampliado, forem receber seus salários de parte do capital que os emprega, não precisam ser ressarcidos inteiramente, pois não pagaram nada pelo excedente-valor produzido por aqueles profissionais (ou não o pagaram todo). O capital poderá pagar-lhes um salário inferior àquele correspondente ao verdadeiro valor de suas forças de trabalho. Isso reduz o tempo de trabalho necessário para repor o valor correspondente ao salário recebido e aumenta o trabalho excedente, fonte do lucro capitalista.

Em resumo, o valor-excedente produzido pelos profissionais, apropriado provisoriamente pelos trabalhadores produtivos do capital, finalmente reaparecerá nas mãos do capital na forma de lucro adicional.²²

Aqueles profissionais por conta própria contribuem para elevar o montante total dos lucros do capital: são trabalhadores produtivos e explorados indiretamente pelo capital, embora não assalariados.

E o que dizer da educação e da saúde públicas e gratuitas? A resposta é similar à do caso anterior, mas não exatamente a mesma. Aqueles profissionais produzem valor e excedente-valor que não é pago pelos que imediatamente usufruem que, se são trabalhadores, têm o valor da

²¹ No trabalho de professores, de qualquer tipo que seja, deveríamos deixar de lado, como não produtivo, aquela parcela que corresponde a simples labor de transmissão ideológica, embora essa parte seja importante para a submissão dos trabalhadores aos ditames do capital.

²² O mesmo acontece com o trabalho de camponeses e artesãos que vendem seus produtos diretamente a trabalhadores produtivos.

sua força de trabalho repostado ou ampliado. Não só o excedente, mas o próprio valor produzido pelos profissionais funcionários públicos reaparecerá nas mãos dos capitais que contratem os trabalhadores sem que lhes custe nada (salvo quando algo pagam de impostos correspondentes). Se esses trabalhadores são produtivos, aquele valor e aquele excedente se transformam em mais lucros para o capital global. A atividade dos mencionados profissionais funcionários públicos é, então, duplamente produtiva; não só o excedente que produzem, mas todo o valor reaparece como lucro do capital.²³

O trabalho dos profissionais da saúde ou educação (por conta própria ou do setor público), quando beneficiarem trabalhadores improdutivos, obviamente não aparecerá como aumento dos lucros gerais do capital, mas, no mínimo, como uma redução das transferências que o capital deve fazer de mais-valia para esse tipo de trabalhadores. Assim, nesse caso, esse trabalho profissional não aumenta os lucros do capital, mas contribui para que não haja reduções maiores. Caso o trabalho daqueles profissionais beneficie os recebedores de mais-valia não trabalhadores, o caso é algo diferente: a mais-valia total apropriada por parte desses setores da sociedade simplesmente se traduzirá em uma elevação do volume de valores de uso apropriados por eles.²⁴

Muito bem, mas se todo o trabalho que produz uma força de trabalho mais qualificada ou mesmo aquele que simplesmente produz a sua “manutenção”, seja ele do setor privado ou público, deve ser qualificado de produtivo no nível de abstração mais concreto, como devemos considerar o trabalho doméstico?

3.3. Trabalho doméstico

Para discutir o conceito de trabalho produtivo no que se refere às tarefas domésticas, precisamos esclarecer algo antecipadamente. Trata-se simplesmente do verdadeiro conceito de força de trabalho.

Ao pensar a categoria de força de trabalho, nossa visão não deve ser dirigida ao indivíduo, mas à sua família e isso por uma razão muito simples: o valor da força de trabalho deve incluir não só a reposição do desgaste ocorrido depois de um dia de trabalho de um indivíduo, mas deve considerar também a necessária reposição do próprio indivíduo, a partir do momento em que ele deixar de ser ativo. Assim, a reprodução

²³ É verdade que a parte correspondente aos seus salários, embora reapareça inicialmente como lucro geral do capital, será posteriormente deduzida na forma de impostos. No entanto, se a categoria de lucro a tratamos em um nível muito elevado de abstração, podemos afirmar que todo o valor se torna lucro do capital.

²⁴ Algo similar ocorre com os camponês e artesãos que vendem seus produtos a trabalhadores não produtivos ou a recebedores de mais-valia que não sejam trabalhadores.

do trabalhador pressupõe, obviamente, a reprodução da espécie e esta pressupõe a existência e reprodução da mulher, do homem e de seus filhos.

Vamos supor uma família de trabalhadores produtivos, composta por mulher, homem e dois filhos. A jornada máxima da força de trabalho dessa família dependerá dos limites impostos pela legislação à jornada de trabalho individual e do número de membros da família que trabalha de maneira assalariada para o capital.

O capital, para poder extrair mais-valia dessa família e para fazê-lo de forma normal (e não como ocorre na realidade, pelo menos da periferia do sistema), precisa garantir sua adequada reprodução, remunerando-a através do salário, supostamente correspondente de maneira exata ao seu valor. Tal reprodução pressupõe a compra por parte dos trabalhadores tanto de mercadorias materiais como de serviços, sejam eles produzidos por empresas capitalistas ou por produtores independentes, submetidos ou não ao capital comercial. Já discutimos o caráter produtivo desse último tipo de trabalho.

Agora podemos perguntar: e se parte desses serviços ou dessas mercadorias produzidas não é comprada no mercado e é produzida no seio da própria família? O salário a ser pago normalmente à força de trabalho é, por essa razão, menor, o que significa maior lucro para o capital.

Para ser coerente com a linha de análise que apresentamos anteriormente (no caso dos serviços públicos e gratuitos de educação e saúde), deveríamos concluir que os serviços produzidos no seio da família de trabalhadores produtivos, são serviços produtivos; o labor realizado para obtê-los constitui trabalho produtivo, produz valor e esse valor vai em parte ser apropriado pelo capital que empregar aquela família de trabalhadores produtivos.

4. Conclusão

Em conclusão, estamos convencidos de que, para que se alcance o significado mais concreto do conceito de trabalho produtivo, o ponto de vista adequado é o da totalidade e o da reprodução, ponto de vista esse que se opõe ao do ato individual e isolado. Aliás, aquele é o único ponto de vista que nos permite alcançar a essência do real.

Isso significa que o que interessa, no capitalismo concreto, não é somente a produção de mais-valia, mas ela e a do resto do excedente-valor apropriado pelo capital. Com isso, o conceito de trabalho produtivo se amplia. Não interessa tampouco, para a determinação do traba-

lho produtivo, o destino do produto desse trabalho, se consumo produtivo, improdutivo ou suntuário.

Dessa maneira, além do que é normalmente considerado produtivo, também consideramos como tal o trabalho de camponeses e artesãos, professores e profissionais da saúde e do serviço doméstico, além de outros que deveriam ser incluídos.

De fora do conceito ficariam apenas os trabalhos e atividades relacionadas rigorosamente ao comércio, e a atividades do tipo como as seguintes: propaganda e publicidade, segurança, manutenção da ordem, da propriedade e da “justiça”, funcionamento do aparato político, elaboração e transmissão ideológicas, atividades militares etc.

Finalmente, é interessante destacar que quase no final dos “*Aditamentos*”, Marx (1980d) vai apresentar uma “definição acessória” para o conceito de trabalho produtivo, que curiosamente termina identificando sua *forma* com seu *conteúdo material*. Isso significa que para ser trabalho produtivo bastaria, no capitalismo desenvolvido, o trabalho produzir valor de uso.

Tal *definição* poderia ser vista como uma violação da perspectiva dialética; uma igualação forma-conteúdo. Mas a violação é pura aparência. Marx avança essa perspectiva exclusivamente para um momento do desenvolvimento capitalista em que toda a produção da riqueza material da sociedade estivesse diretamente submetida ao capital, de maneira que todo valor de uso social também seria valor. Mas esse é um tema para uma discussão posterior.

Referências

- BARAN, Paul (1984). *A economia política do desenvolvimento*. São Paulo: Abril Cultural.
- BÖHM-BAWERK, Eugen von (1974). “La conclusión del sistema de Marx”. In: Hilferding *et al.* *Economía burguesa y economía socialista*. Cuadernos de Pasado y Presente nº 49. Buenos Aires, Argentina: Siglo XXI.
- DIERCKXSENS, Wim (1998). *Los límites de un capitalismo sin ciudadanía*. 4ª. San José, Costa Rica: Ed. Editorial DEI.
- GOUGH, Ian (1978) “La teoría del trabajo productivo e improductivo em Marx”. In: *Críticas de la Economía Política* – edición latinoamericana nº 8: Trabajo Productivo e Improductivo. México, D.F.: Ediciones El Caballito.
- MANDEL, Ernest (1985). *El Capital. Cien años de controversias en torno a la obra de Karl Marx*. México, D.F.: Siglo XXI.
- MARX, Karl (1966). *El capital*. Tomo I. México: Fondo de Cultura Económica.

- MARX, Karl (1977). *El capital*. Tomo I. México: Siglo XXI.
- MARX, Karl (1978). *O capital*. Livro I, capítulo VI (inédito). São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas.
- MARX, Karl (1980a). *O Capital*. Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MARX, Karl (1980b). *O Capital*. Livro II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MARX, Karl (1980c). *O Capital*. Livro III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MARX, Karl (1980d). *Teorias da mais-valia. História crítica do pensamento econômico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MARX, Karl (1985). *O capital*. Livro Primeiro. São Paulo: Nova Cultural.
- MARX, Karl (1987). *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política (Grundrisse) 1857-1858*. 15^a ed. México: Siglo XXI.
- RUBIN, Isaak (1980). *A teoria marxista do valor*. São Paulo: Brasiliense.